

A PASSAGEM BANDEIRANTE PELO CAMINHO VELHO DAS MINAS GERAIS

Paulo Paranhos*

Resumo: O primeiro caminho seguido pelos bandeirantes em direção à região das minas de ouro e pedras preciosas, partindo de São Paulo de Piratininga.

Abstract: The first route followed by the bandeirantes to the gold mines and precious stones, starting from São Paulo de Piratininga.

1. Quem eram os bandeirantes¹

O eminente historiador pátrio Washington Luis, autor de uma das mais consagradas páginas da literatura bandeirante, mostra-nos como se organizava uma expedição sertanista, em geral, chefiada por um dos principais homens da capitania, contando com a presença de filhos maiores, parentes, milhares de índios aliados ou escravizados, havendo ali uma hierarquia quase que militar.

Quando entravam no sertão, *iam armados de arcabuzes, escopetas, mosquetes, espadas, como armas ofensivas, e como armas defensivas, iam com acolchoados de algodão, com que se revestiam, úteis contra as setas indígenas que neles se amorteciam* (1976,173). Anota, ainda, o Dr. Washington Luis, que a maior parte dos bandeirantes tinha sangue mestiço e eram chamados de mamelucos, exemplos típicos os de Belchior Carneiro, André Fernandes e os dois Anhangueras. Outros eram portugueses da metrópole, como Antonio Raposo Tavares, Jerônimo Leitão e Jorge Correia. Havia, ainda, os brasileiros, paulistas de nascimento e sem mescla com indígenas, como Fernão Dias Paes², homens de São Vicente, de Piratininga e depois de Taubaté.

Aventuravam-se através de rios e trilhas, sistema rudimentar de viagem fluvial e terrestre, através de campos e *da brenha entrelaçada, sombria, úmida e mortífera* (id.,175).

Essas características não escaparam aos olhos do famoso naturalista francês e um dos mais importantes observadores dos costumes brasileiros,

* Paulo Paranhos é historiador e autor de *Terras Altas da Mantiqueira, passagem do ouro das Minas Gerais*. Ed. Verbete, Rio de Janeiro.

Auguste de Saint-Hilaire, que, em sua passagem pela província de São Paulo, com relação aos feitos dos bandeirantes paulistas, anotou:

Quando sabemos, por experiência própria, quantos percalços, privações e perigos esperam, ainda hoje, o viajante que se aventura nessas regiões longínquas, e em seguida lemos a descrição pormenorizada dessas intermináveis andanças dos antigos paulistas, sentimo-nos tomados de estupefação e quase somos tentados a acreditar que pertenciam a uma raça de super-homens (1976, 27).

As bandeiras levavam, em alguns casos, meses para alcançar a região das minas de ouro e nessa caminhada, segundo apontou um dos estudiosos da história colonial brasileira, o historiador inglês Charles Ralph Boxer,

Os índios funcionavam como bússola, abrindo picadas, orientando caminhos, e ainda coletando alimentos e carregando as tralhas de viagem. A presença feminina das índias fazia-se sentir na cozinha e no leito dos paulistas. A bagagem que acompanhava os bandeirantes era leve e reduzida, adequada para enfrentar passagens estreitas, serras quase intransponíveis, despenhadeiros, animais e indígenas selvagens, enfim, imprevistos que, algumas vezes, faziam como que estes aventureiros abandonassem todo o seu carregamento no caminho. Andavam quase sempre descalços e não de botas como iconograficamente são representados (1966, 47).

A viagem era, na maior parte das vezes, alguma coisa sem a certeza de retorno, daí por que muitos bandeirantes organizavam seus testamentos, deixando, normalmente, a mulher como administradora dos bens. Ao morrerem, procedia-se ao inventário dos seus bens. Esses inventários são hoje fonte inesgotável do conhecimento dos feitos inegáveis desses homens que se embrenharam sertão adentro na busca de ouro e pedras preciosas e que foram responsáveis, sem dúvida, pelo alargamento natural da fronteira brasileira, levando cada vez mais para oeste os limites que foram traçados por Tordesilhas.

Interessante observar que desses inventários constavam os nomes dos integrantes da bandeira, os padres e indígenas que a acompanhavam e tudo aquilo que descobriam ou não, inclusive apontando as dívidas do capitão-bandeirante.

Não restam dúvidas, à leitura de alguns deles, que a pobreza campeava entre os bandeirantes na sua grande maioria. Vejamos o que diz essa bela página extraída da obra de Alcântara Machado:

Nos inventários do sertão, no arrolamento do que deixam os bandeirantes mortos em campanha, a fórmula sofre as modificações

impostas pelas circunstâncias. O que o capitão-mor Antonio Raposo Tavares exige de um camarada de Pascoal Neto, falecido da vida presente em Jesus-Maria-de-Ibiticaraíba, sertão dos Arachãs, é a declaração de toda e qualquer fazenda e armas que ficou do dito defunto, fato³ e ferramenta e pólvora e chumbo e toda a mais fazenda e peças que lhe ficassem (1980, 32).

E, prosseguindo no interessante relato:

Ninguém se atreve a romper o juramento. Mas quando não bastasse, para impedir as sonegações, o temor das penas espirituais e temporais de perjúrio, aí estaria, para intimar o inventariante ao cumprimento exato do dever, a cobiça vigilante dos herdeiros. Que o diga Pedro Nunes, convidado a carregar ou dar à partilha a cama em que dorme e o único fato de seu vestir (idem).

Ou, ainda, esta outra passagem que, dicotomicamente, mostra unidas riqueza e pobreza do bandeirante Valentim de Barros, considerado ele um nobre de Piratininga, senão vejamos:

Um leito de jacarandá, com sua grade, onde se vê estendida a colcha de sobrecama de chamalote e ramagens de flores de ouro, forrada de tafetá amarelo tostado, a que serve de remate a franja de ouro fino. Protegem-no umas cortinas de tafetá azul, com seu sobreceú guarnecido de franjas de retrós vermelho e amarelo. Adiante, o espelho grande de duas portas, o cofrezinho chapeado de ferro, duas arcas que servem de guarda-roupa. Isso, na alcova conjugal. Na sala de visitas, um tamborete e seis cadeiras de espaldares com suas pregaduras de latão. Na sala de jantar, para o serviço de mesa, duas tamboladeiras⁴, um púcaro⁵, seis colheres de prata. E nada mais (id., 74).

Nada escapava ao arrolamento, por mínimo que fosse o valor. De Lourenço Fernandes Sanches vemos avaliado em oitenta réis um castiçal velho de arame velho quebrado; de Francisco Ribeiro, por dois vinténs, um espelho velho. Já os animais eram identificados com maior cuidado:

Um cavalo morzelo⁶, caminhador; um cavalo sendeiro⁷; uma vaca preta, com a barriga branca por baixo, com um filho macho preto; um boi vermelho de barriga e a ponta do rabo branca; uma vaca de papo inchado pintada com uma filha pintada (id., 33).

Esses homens e suas caravanas avançaram rumo ao desconhecido, às terras inóspitas e, em diversas oportunidades, fixaram roças que, mais tarde, tornar-se-iam *pousos habituais, sempre indicados nos roteiros escritos ou orais;*

tais pousos se tornaram arraiais e estes se transformariam em povoações e depois em vilas (LUIS. 1976,177).

No início, os paulistas eram apenas entradistas em busca de índios para a escravização e venda para as lavouras canavieiras, pouco, ou quase nunca, se estabelecendo fora de sua província. No entanto, nos fins do século XVII uma notícia importante espalhou-se no meio bandeirante: a descoberta de ouro para além da Mantiqueira. Segundo anotou Saint-Hilaire, homens de todas as condições, pobres e ricos, velhos e moços, brancos e mestiços,

Todos abandonaram em massa seus lares, suas mulheres e seus filhos e tomaram de assalto as vastas solidões do Brasil. Seguiram, na medida do possível, os misteriosos e lacônicos itinerários deixados pelos mais antigos sertanistas, e em toda parte esgravatavam a areia dos córregos e a terra das montanhas. Quando encontravam um terreno aurífero, armavam barracas nas proximidades e iniciavam a exploração. Esses arraiais transformavam-se em povoações, depois em cidades, e foi assim que os paulistas começaram a povoar o interior do país, acrescentando à monarquia portuguesa algumas províncias mais vastas, algumas delas, do que muitos impérios (1976, 28).

Outro importante historiador pátrio, Vianna Moog (1969), com muita propriedade diria que

O bandeirante adentrava-se na mata, escalava montanhas, vadeava rios encachoeirados, transpunha cumeeiras, lutava contra índios, escravizava-os ou os dizimava quando não podia escravizá-los, escrevia, enfim, no solo virgem da América o último capítulo de Os Lusíadas.

2. As primeiras bandeiras

Deixando de lado a entrada de Pero Lobo, em 1º de setembro de 1531, considerada por uns tantos historiadores como a primeira bandeira ocorrida no Brasil, comecemos com Braz Cubas e Luis Martins que, partindo de Santos ou de Piratininga⁸, por volta de 1560, e passando pelas terras do primeiro (na atual Mogi das Cruzes), desceram pelo rio Paraíba, guiados por alguns indígenas, até a paragem da Cachoeira (atual Cachoeira Paulista), onde encontraram o

Caminho que atravessa o litoral para serra acima e tornando por esse caminho subiram a serra, foram à barra do rio das Velhas e correram a margem do São Francisco até o Paramirim, ou até algum tanto adiante, donde voltaram pelo mesmo caminho (LEITE. 1961, 57).

Um outro português, Martim Corrêa de Sá, que fora capitão-mor da Capitania de São Vicente, também, por recomendação do então 7º governador-geral do Brasil, D. Francisco de Sousa, entrou em Minas Gerais no ano de 1597. Em sua companhia levou o inglês Anthony Knivet⁹, que já o havia acompanhado em incursões pelo sertão adentro, com a finalidade de aprisionarem indígenas. Martim de Sá teria vindo de Paraty e, transposta a serra do Mar, depois de atravessado o vale do Paraíba, teria alcançado o vale do rio Verde.

Ainda sobre a expedição de Martim de Sá, o Dr. Mario Leite (1961) anota que tendo descido o rio Sapucaí até a confluência com o Verde, o bandeirante teria se afastado do rumo geral que procurava o Sabarabuçu, pois este atingia as cabeceiras do rio Verde que contravertem com as águas do Paraíba na garganta do Embaú e continua pelas águas do primeiro rio até ser avistado o morro de Caxambu, passando daí para o rio Ingaí e deste para o rio Grande e, finalmente, para o rio das Mortes na altura de Ibituruna.

3. A bandeira de André de Leão e a caracterização da passagem pela garganta do Embaú

No ano de 1601, mais precisamente em julho, o já citado D. Francisco de Sousa patrocinaria a bandeira de André de Leão que se internaria no sertão de Minas Gerais em busca da lendária serra de Sabarabuçu, que se acreditava à época ser rica em prata. Essa expedição seguiu o curso do rio Paraíba do Sul até a entrada da Mantiqueira, subindo a garganta do Embaú, e daí, conforme admitem consagrados historiadores, deve ter atingido as nascentes do rio São Francisco, sem, no entanto, alcançar as tão sonhadas minas de prata.

Retornou André de Leão a São Paulo em abril de 1602, e sua viagem foi relatada pelo mineralogista holandês Wilhelm Jost ten Glimmer, participante da expedição, constando tal relato da obra *História Natural do Brasil*, publicada em Amsterdã em 1648, por George Marcgraff.

Sobre essa expedição alguns excertos do que foi relatado por Glimmer aparecem na obra do Dr. Washington Luis e que determinam o caminho seguido pela bandeira de André de Leão. Vejamos, então:

Partindo da cidade de São Paulo, na Capitania de São Vicente, chegamos, primeiro à povoação de S. Miguel, à margem do rio Anhembi¹⁰, e nesse lugar achamos preparadas as provisões, que os selvagens tinham de carregar nos ombros. Atravessamos, depois, aquele rio e, com um marcha de quatro ou cinco dias a pé, através de densas

matas, seguimos rumo de Norte, até um riacho que nasce nos montes Guarimumis¹¹, ou Marumiminis, onde há minas de ouro. Aqui, aparelhadas algumas canoas de cascas de árvores, continuamos rio abaixo, durante cinco ou seis dias, e fomos ter a um rio maior que corria da região ocidental. Aquele primeiro riacho desliza por sobre campos baixos e úmidos, notáveis por sua amenidade. Tendo descido este rio maior, em dois dias, encontramos outro ainda muito maior, que nasce no lado setentrional da serra de Paranapiacaba, e correndo, a princípio, para o Ocidente, na mesma direção dos montes, depois, formando um cotovelo, se encaminha por algum tempo para o Norte, e, afinal, como geralmente se crê, se lança no Oceano entre o Cabo Frio e a Capitania de Espírito Santo; chamam-no o rio de Sorobis¹² e é abundantíssimo em peixes, tanto grandes como pequenos. Descendo também este rio, durante quinze ou dezesseis dias, chegamos a uma catarata, onde o rio, apertado entre montanhas alcantiladas, se despenha para o Nascente¹³. Por isso abicamos neste ponto as nossas canoas e marchamos outra vez a pé, ao longo de outro rio que desce do lado ocidental e não se presta a navegação¹⁴. Com cinco ou seis dias de marcha, chegamos à raiz de um monte altíssimo e, transpondo-o¹⁵, descemos a uns campos mui descortinados¹⁶ e aqui e acolá sombreados de bosques se vêem lindíssimos pinheiros, que dão frutos do tamanho de uma cabeça humana; as nozes desses frutos têm a grossura de um dedo médio e são protegidas por uma casca como as castanhas, e são mui agradáveis ao paladar e nutritivas¹⁷.

Três dias depois, chegamos a um rio, que deriva do Nascente, e, atravessando-o, durante quatorze dias¹⁸, tomamos a direção de Noroeste, através de campos abertos e outeiros despídos de árvores até outro rio, que era navegável e corria da banda do Norte¹⁹. Em toda a viagem até aqui descrita nada vimos que denotasse cultura, não encontramos homem algum, apenas aqui e ali aldeias em ruínas, nada que servisse para alimentação, além das ervas e algumas frutas silvestres...decorrido um mês sem encontrar rio algum, chegamos a uma estrada larga e trilhada e a dois rios de grandeza diversa, que, correndo do Sul, entre as serras Sabaraasu, rompem para o Norte; e é minha opinião que esse dois rios são as fontes ou cabeceiras do rio São Francisco....(1976, 232).

O ilustre geólogo norte-americano, Orville Albert Derby, um dos fundadores, em 1895, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, por sugestão do não menos notável historiador pátrio Capistrano de Abreu, em

conferência naquele Instituto, oferece-nos uma página notável sobre aquela expedição, praticamente explicando as anotações de Glimmer:

Tendo partido de São Paulo, acompanhou o curso do Tietê, passou a bandeira para um afluente do Paraíba, navegou este rio até sua seção encachoeirada, galgou a Mantiqueira, atravessou diversos rios pertencentes ao sistema platino (vale do Alto rio Grande) e foi ter às cabeceiras do São Francisco, identificando com o Sabarabuçu uma serra que é provavelmente a de Pitangui. Esta identificação de certo resultou da ordem expressa que a leva recebeu do governador-geral, pois este, tendo-lhe manifestado um brasileiro um certo metal de que se extraía abundante prata pura, tirado dos montes Sabarason, fascinado pela amostra, deliberou, logo que chegara a São Paulo, mandar descobrir os tais montes, e explorar as tais minas²⁰.

Sem dúvida, o propósito primeiro da expedição fora nulo, porém é imperioso anotar que o caminho trilhado por André de Leão seria aquele seguido, quase que 70 anos depois, por Fernão Dias Paes, conforme apontado pelo mesmo Orville Derby.

De igual sorte, não podemos supor que na passagem algumas famílias não fossem ali constituídas, com a saída de um ou de outro integrante da bandeira, o que tenha proporcionado, talvez, a fixação de arremedos de povoados naquela região, até mesmo em miscigenação com os indígenas locais, muito provavelmente os puris, considerando-se as informações constantes do mapa etnográfico traçado por Curt Nimuendaju (2002) que dão conta que, subindo a serra da Mantiqueira, pela margem esquerda do Paraíba, a partir de Guaratinguetá até a altura de Itatiaia, havia ali uma concentração daqueles indígenas, entre 1597 e 1645, os mesmos puris que seriam encontrados em 1800 quase que na nascente do rio Grande.

Knivet também informa que na região por onde andou, mais precisamente, na subida da Mantiqueira, vindo pelo Paraíba do Sul, *havia grande quantidade de selvagens chamados puris* (1947, 66).

Nas pesquisas que realizei sobre a região encontrei uma obra do Dr. Heitor Antunes de Souza (1950), que, em estudos feitos sobre a cidade de Itanhandu, aponta que ali habitavam os indígenas cataguás, porém, consultando o relato de etnólogos afamados, como Manuel Diegues Junior, Darcy Ribeiro e o próprio Nimuendaju, não conseguimos atinar o porquê da informação daquele ilustre magistrado, uma vez que os cataguás estavam em região muito mais distante dali, encontrados, inclusive, em Bambuí, originários dos antigos catuauá. Aliás, sobre o tema Waldemar Barbosa (1995) informa que o termo

“cataguás” serviu para designar o sertão habitado por aqueles indígenas, nada tendo, inclusive, a ver com a atual cidade de Cataguases.

Acrescente-se, também, que Diogo de Vasconcelos, consagrado historiador mineiro, anota em sua obra que em Lagoa Dourada existia um arraial antigo com o nome de Cata-Auá, *memória única e final que relembra o poder outrora terrível e o nome belicoso dos senhores do sertão* (1999, 118). Assim, na realidade os cataguás existiram a partir da região das minas para o norte e não para o sul das Minas Gerais.

4. A passagem para o interior das Gerais pela garganta do Embaú

Diante de muitas e diversas controvérsias, não restam dúvidas de que a garganta do Embaú foi o caminho mais batido desses primeiros sertanistas, que se internaram sob recomendação do governador-geral do Brasil, D. Francisco de Sousa. Historiadores de renome, e aqui citamos o Dr. Mario Leite, entendem que, sem abandonar a idéia da passagem pelo Embaú, uma ou outra bandeira poderia, descendo o vale do Paraíba, chegando *à altura de Pindamonhangaba, para transpor a Mantiqueira, ter subido pelo vale do Piracuama, mais ou menos no traçado da Estrada de Ferro de Campos do Jordão, descendo depois pelo Sapucaí, para passar ao rio Verde* (1961, 62).

Aliás, aquela também era a idéia comungada pelo já mencionado Dr. Orville Derby, quando, de igual sorte, descreveu a rota da bandeira de Martim Correia de Sá, que se internou em território mineiro por volta de 1596, muito possivelmente na esteira de João Pereira de Sousa Botafogo e anteriormente, inclusive, à passagem de André de Leão.

Percorrendo a região, pudemos aquilatar a força de todas essas informações e chegamos à conclusão de que o roteiro descrito por todos, inclusive pelo padre Antonil, em 1711, não pode ter sido feito por outro caminho senão por esse do vale do Paraíba, subindo pela garganta do Embaú, na serra da Mantiqueira, pelo menos até 1700, quando já estava transitável uma parte do caminho novo de Garcia Rodrigues Paes, partindo do Rio de Janeiro em direção a Vila Rica, de acordo com as informações constantes de Basílio de Magalhães (1934), caminho este que estaria completamente aberto entre 1722 e 1725.

Na edição do Códice Costa Matoso que utilizamos para o presente estudo, existem dois roteiros determinados por Francisco Tavares de Brito, aos quais chamou de *itinerário geográfico com a verdadeira descrição dos caminhos, estradas, roças, sítios, povoações, lugares, vilas, rios, montes e serras que há da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro até as Minas de Ouro*. Ao

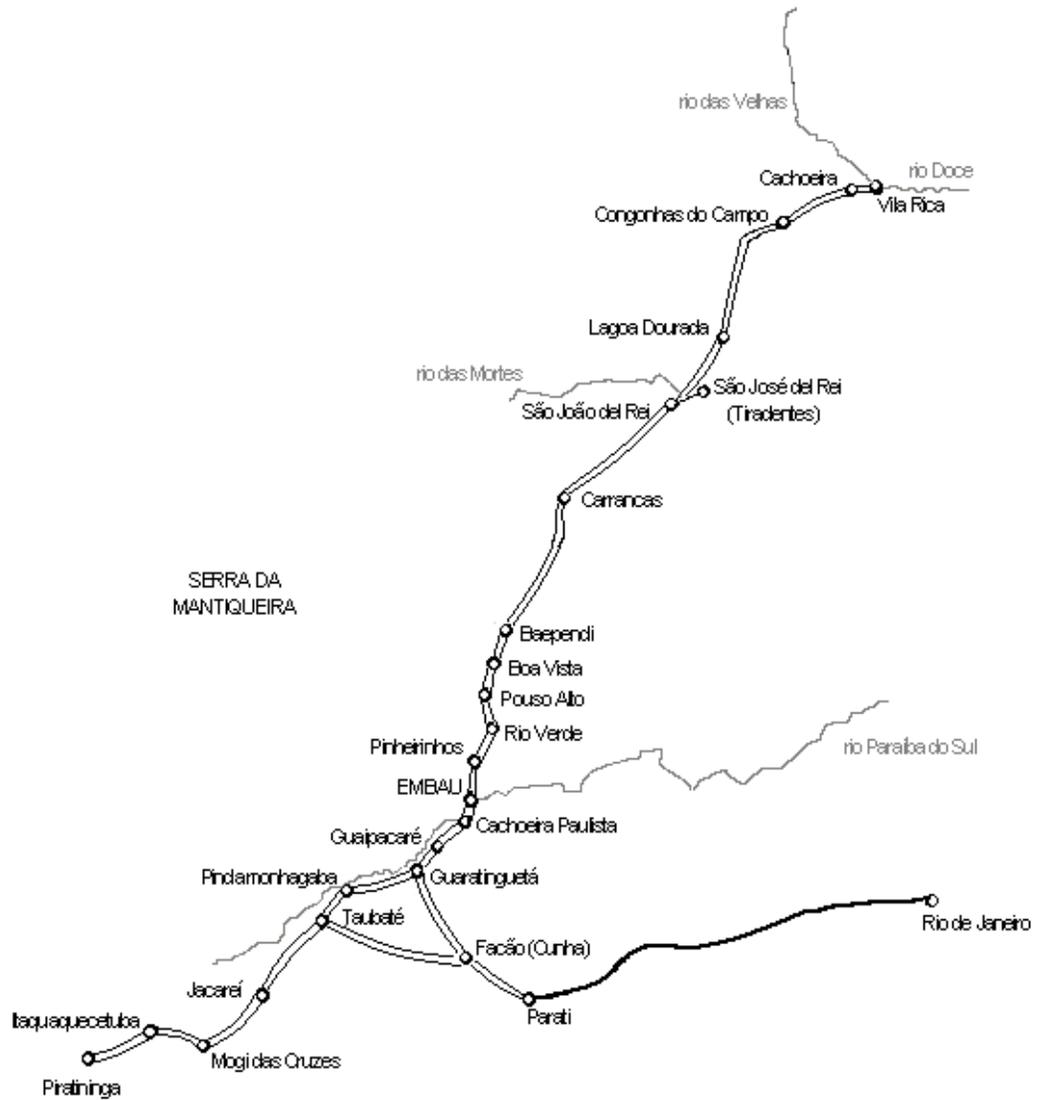
que tudo indica, tal itinerário foi escrito para atender a demanda do então secretário real Alexandre de Gusmão em tratativas por Portugal junto à Espanha e que antecederam o famoso Tratado de Madri.

Importa, para o que aqui está em discussão, o roteiro do caminho velho, que viria corroborar todos os observadores e viajantes anteriores que por ali passaram. Senão vejamos o que diz o Códice Matoso, resumidamente, após a saída do Rio de Janeiro, passando por Santos e subindo para São Paulo:

Desta cidade se parte para as Minas e se passa pelas passagens seguintes: Nossa Senhora da Penha, vila de Mogi; vila de Jacaré (passa-se, antes de entrar na vila, o rio Paraíba, em canoa); princípio do Capão Grande; Capela; vila de Taubaté; vila de Pindamonhangaba; vila de Guaratinguetá. A esta vila também vem dar o caminho de Parati, que chamam o Caminho Velho, e quem sai de Parati, vem ao Bananal, sobre a inacessível serra e descansa na Aparição; passa-se o rio Paraitinga (que toma aqui o nome das serranias por onde passa e logo depois se chama Paraíba do Sul); e se pernoita no sítio que também toma o nome do rio; Afonso Martins; passa-se aqui o rio Facão; vai-se à Encruzilhada e se entra depois na vila de Guaratinguetá, já dita, e dela se parte para as Minas, passando em canoa, e daí a breve distância o rio Paraíba, no sítio de Aipacaré; e se prossegue a caminho das Minas. Embaú; passa-se um rio vinte vezes, e por isso se chama o Passa Vinte; sobe-se a notável cordilheira ou serra da Mantiqueira; passa-se outro rio trinta vezes e lhe chamam o Passa Trinta²¹; e se vai ao Pinheirinho; daí a Rio Verde; Pouso Alto; Boa Vista (1999, 902).

Daí em diante, após terem passado por Baependi, seguem os mesmos caminhos já conhecidos, através dos rios Ingaí e Grande, alcançando as lavras do rio das Mortes e do rio das Velhas.

A seguir indicamos um esboço do caminho velho, com a passagem pela garganta do Embaú, nos séculos XVII e XVIII, de acordo com as informações constantes do Códice Costa Matoso sobre um mapa elaborado por Francisco Tavares de Brito, por volta de 1732.



É certo que historiadores de renome como Capistrano de Abreu e Affonso de E. Taunay entendem que este caminho não seria o mais significativo – e sim o de Atibaia - e que o mesmo não teria sido utilizado por Fernão Dias Paes, pelo simples fato de que ele não registrara tal rota na Câmara de Taubaté. É realmente difícil de se crer que o famoso esmeraldista não haja passado pela

garganta do Embaú, mesmo porque antes dele ali já haviam estado homens como João Pereira de Sousa Botafogo²², o próprio Martim Corrêa de Sá e André de Leão e que foram decisivos informantes quanto às condições de travessia e dificuldades as mais diversas na procura da região das minas de ouro.

Conforme se pode constatar de estudos minuciosos das rotas bandeirantes, em conferências havidas no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a passagem por Atibaia, como querem os ilustres historiadores apontados, levava a outras regiões, principalmente ao sul de Mato Grosso e Goiás; isto efetivamente não aconteceria se dessem uma grande guinada em direção ao Sapucaí para alcançar o Verde e daí em diante para o rio das Mortes, o que era improvável, haja vista a rota traçada pelos dois Anhangueras e, posteriormente, por Raposo Tavares.

Com todo o respeito que merecem os insígnos historiadores, parece-nos coberto de razão o Dr. Orville Derby quando sustenta com muita propriedade - haja vista a produção científica que deixou consignada nos Anais do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, com cartas geográficas extremamente explicativas sobre este tema - a passagem de Fernão Dias Paes pelo Embaú, podendo, inclusive, ter o bandeirante lançado ali os fundamentos dos povoados de Passa Quatro, Itanhandu e Pouso Alto.

Na serra da Mantiqueira, comprovadamente, havia três passagens, o que confundiu, por muito tempo, os historiadores: a primeira delas, por Jacareí, pelo passo do rio Buquira; a segunda, por Tremembé, pelos vales dos rios Piracuama e Sapucaí e a terceira, descendo por Guaipacaré (Lorena), atingindo a garganta do Embaú pelo rio Passa Vinte.

Apesar da suposição daqueles historiadores, conforme nos ensina Mario Leite (1961), o caminho pelo Embaú era, sem dúvida, o trecho mais batido desses primeiros sertanistas que se internaram a mando de D. Francisco de Sousa.

Lembra-nos, como forte exemplo, que o bandeirante paulista Gaspar Vaz da Cunha (um dos primeiros descobridores de ouro em Cuiabá, em 1723), no ano de 1703, teria aberto um caminho, o primeiro existente, de Pindamonhangaba na direção do rio Sapucaí, caminho este seguido, inclusive, por Miguel Garcia, na expedição de 1677, comandada por Lourenço Taques, para descobrir as minas de Itagyibá, que estavam localizadas no atual território do município de Delfim Moreira.

Notas

1. Mesmo que no início não se intitulassem bandeiras nem bandeirantes – apenas sertanistas – o Registro Geral da Câmara de São Paulo, de 1621, aponta que Martim de Sá, servindo de capitão-mor de São Vicente, “nomeou Ascenso Ribeiro capitão da infantaria e ordenança da vila de São Paulo o qual tinha debaixo de sua bandeira quarenta soldados” (LUIS. 1976, 174).
2. A bandeira de Fernão Dias, independentemente de seu fracasso com relação ao plano original, teve o condão de ostentar em seu grupo três importantes sertanistas que, posteriormente, trariam significativas contribuições para a região das Minas Gerais: o primeiro deles foi Mathias Cardoso, pelo estabelecimento da estrada que ligou as minas de ouro aos currais de gado no rio São Francisco; o segundo foi Borba Gato, responsável pelo devassamento do rio das Velhas, na altura de Sabará e o terceiro foi Garcia Rodrigues Paes, que abriu uma via nova de comunicação, mais rápida, partindo do Rio de Janeiro, para as minas de ouro, o chamado “caminho novo”. Atente-se, inclusive, que Fernão Dias partiu de Piratininga em 21 de julho de 1674, indo na frente da bandeira Mathias Cardoso na primeira leva que partiu em 1673. Daí o cuidado que se deve ter quando se fala na passagem de Fernão Dias pelas terras da Mantiqueira em 1673.
3. Indumentária.
4. Recipientes de metal (geralmente de prata) que servem para examinar a transparência dos vinhos para a prova.
5. Canecas para líquidos em geral.
6. Diz-se do cavalo preto, cor de amora.
7. Cavalo robusto, próprio para carga.
8. Historiadores consagrados como Affonso Taunay e Francisco de Assis Carvalho Franco não identificam exatamente de onde teria partido a entrada de Braz Cubas. O certo é que em meados de 1562 Luis Martins estava estabelecido em Piratininga.
9. Corsário inglês que tomou parte na desastrosa viagem do navio *Leicester*, de Thomas Cavendish e que acabou dando nas costas do Rio de Janeiro, sendo aprisionado pelos portugueses. Participou de várias incursões aos sertões do Brasil e deixou uma obra interessante denominada *Vária fortuna e estranhos fados*.
10. É o atual rio Tietê.
11. Atual serra do Itapeti, localizada no Parque Municipal da Serra do Itapeti, em Mogi das Cruzes.
12. É o atual rio Paraíba do Sul.
13. Atual região de Cachoeira Paulista.

14. Trata-se do rio Passa Vinte.
15. A passagem pela garganta do Embaú na Serra da Mantiqueira.
16. Daí avista-se a atual cidade de Passa Quatro, pela região do Pinheirinho.
17. A araucária e seus frutos, os pinhões.
18. Com toda certeza, o rio Verde.
19. O rio Grande.
20. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. IV, p. 329-350.
21. O rio Passa Quatro.
22. Existem controvérsias a respeito do sobrenome Botafogo, não sendo o mesmo encontrado em documentos dos arquivos públicos de São Paulo; inclusive o festejado historiador pátrio Capistrano de Abreu não reconhece a João Pereira de Sousa o sobrenome ou o apelido de Botafogo. Já Basílio de Magalhães fala em um João Pereira de Sousa, o Botafogo, “sesmeiro de cuja alcunha houve nome a praia e o bairro de Botafogo no Rio de Janeiro” (1935, 80). O certo é que a sua bandeira partiu no ano de 1596 e alcançou o rio Grande, aonde veio a falecer em 1597, conforme declarado na abertura de seu inventário.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- BOXER, Charles Ralph. *A idade do ouro do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1966.
- CÓDICE COSTA MATOSO. *Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas da América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das de Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749 & vários papéis*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999.
- KNIVET, Anthony. *Vária fortuna e estranhos fados*. São Paulo: Brasiliense, 1947.
- LEITE, Mario. *Paulistas e mineiros, plantadores de cidades*. São Paulo: Edart, 1961.
- LUIS, Washington. *Na Capitania de São Vicente*. 2.ed. São Paulo: Martins, 1976.

- MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão geographica do Brasil colonial*. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1935. *Brasiliana* v. 45.
- MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros; paralelo entre duas culturas*. 9.ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.
- NIMUENDAJU, Curt. *Mapa etno-histórico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- SOUZA, Heitor Antunes de. *Esboço histórico dos municípios de Itanhandu e Itamonte*. Snt, 1950.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 4.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.